

Beiträge zur portugiesischen und brasilianischen Philosophie.

1. Lothar Thomas: *«Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa»*, primeiro volume. *A História da Filosofia portuguesa desde o seu começo até ao final do século XVI (Exeptuada a restauração da Escolástica)*. Traduzido por António José Brandão. Lisboa, 1944.

Immer wieder behauptet man, die Angehörigen der lusitanischen Völkerklasse hätten nichts oder nur sehr wenig zur abendländischen Philosophie beigetragen. Ihr Sinn sei mehr auf das unmittelbar Reale und Praktische gerichtet, so daß der gedanklichen Spekulation wenig Raum bliebe. Bei genauem Hinsehen bedürfen jedoch solche allgemeinen Aussagen meistens einer gewissen Einschränkung. Um ein endgültiges Urteil abzugeben, müßte die Geschichte der portugiesischen Philosophie genauer erforscht sein. Besonders über ihre Anfänge liegt noch manches Dunkel. Die Aufgabe einer besonnenen Forschung besteht zunächst darin, das Material zusammenzutragen, zu sichten und neu herauszugeben. Dazu möchte Lothar Thomas mit seiner „Contribuição“ einige Voraussetzungen legen. Thomas ist Pfarrer an der evangelischen Gemeinde in Lissabon; durch Schriften erbaulichen Inhalts und Meditationen ist er weit über diese Stadt hinaus auch uns bekannt geworden. Die vorliegende Arbeit ist ein Zeichen echten Gelehrtenfleißes und läßt vermuten, daß viele Stunden, die sonst der Mühe gewidmet wären, mit ernster Forschertätigkeit ausgefüllt waren. Portugiesische Freunde und Beamte der Biblioteca Nacional de Lisboa haben ihn dabei in erfolgreicher Weise unterstützt. Thomas bemerkt ausdrücklich, daß er nicht eine Geschichte der portugiesischen Philosophie, sondern nur einen Beitrag für eine solche, die noch geschrieben werden müßte, geben wollte.

Trotz dieser Einschränkungen kann man aus der „Contribuição“ bereits bis zu einem gewissen Grade den Weg der portugiesischen Philosophie in den ersten fünf Jahrhunderten ihrer Geschichte gut erkennen. Der Verfasser gibt zunächst eine kurze und klare Einführung in das Wesen und die Hauptrichtungen der Scholastik, die ja eine europäische und gesamtchristliche Angelegenheit war. Die Hochscholastik hat in Portugal in Petrus Hispanus einen bedeutenden Vertreter hervorgebracht. Portugiesische und deutsche Gelehrte haben seine Eigenart näher beschrieben. Er war ein großer Denker und bekleidete als Johann XXI. im Jahre 1276 sogar die Papstwürde. Von seinen Werken sind besonders die „*Summulae logicales*“ bemerkenswert, ein Buch, das lange Zeit als ein Hauptwerk der Logik an den Universitäten in Europa galt. Ein anderes bedeutendes Werk, das gerade für die klare Darstellung der Probleme ein Beweis ist und nach dem Urteil des Kenners Grabmann als eines der besten dieser Art im 13. Jahrhundert galt, trägt den Titel „*De anima*“. L. Thomas urteilt

abschließend über den Philosophen: „Na História do seu povo como na História do espirito europeu, este pensador mui compreensivo deixou atrás de si rasto memorável.“ (p. 155)

Am Ausgang des Mittelalters, zu Beginn des 15. Jahrhunderts, tritt besonders D. Duarte hervor. Er war weniger im strengen Sinne Philosoph, sondern mehr Ethiker und Psychologe. Seine Hauptschrift „Leal conselheiro“ ist vor einigen Jahren in Lissabon neu herausgegeben! Er spricht in ihr von dem Wirklichen des menschlichen Lebens, den Menschentypen und der richtigen Einstellung zum Leben. Alles ist selbst erlebt und erprobt. In religiöser Hinsicht tritt er für eine strenge Scheidung von Glauben und Vernunft ein. Der Glaube als Herzenssache (coisa de coração) sei dem Verstand nicht zugänglich. Direkte Lebenserfahrung sei deshalb der Spekulation vorzuziehen. L. Thomas bemerkt dazu:

«Visto por este prisma, surge-nos nova faceta da sua rica personalidade — faceta que lhe concede papel especial de precursor na História da Filosofia de seu povo.» (p. 130).

Um dies weiter zu erhärten, zitiert er ein Urteil von Joaquim de Carvalho über Quartes „Leal Conselheiro“:

«Jamais em lingua portuguesa alguém como D. Duarte, levou tão longe a análise do conhecimento emocional e surpreendeu com tanta subtilidade a essência dos sentimentos, distinguindo os da massa confusa da vida afectiva. Só quem viveu pelo coração, e soube pela experiência íntima que o coração tem suas razões, que a razão desconhece, na frase famosa de Pascal, pode sondar com tanta clarividência introspectiva a mais difícil e obscura região da vida psicológica.»

D. Duarte weist also schon auf die subjektivistische Neuzeit hin. Als Ergebnis für die erste Periode der portugiesischen Philosophie ergibt sich die Feststellung, daß sie zur besonderen Ausbildung der Scholastik nichts beigetragen hat, sondern hier nur die Anregungen von außen übernahm; dagegen ist „a contribuição notavel, como a registada nos dominios da ética e da Filosofia politica e juridica“ (pág. 157).

Der zweite Teil befaßt sich in der Hauptsache mit der Renaissancephilosophie des 16. Jahrhunderts. Es berührt zunächst angenehm, daß gegen die übliche Annahme, diese Zeit stände im absoluten Gegensatz zum Mittelalter, da sie den freien Menschen predige, für welche Behauptung Windelband zitiert wird, Verwahrung eingelegt wird. Das Mittelalter ist viel realer eingestellt, als man gemeinhin denkt, und der Uebergang zur Neuzeit vollzieht sich allmählich. Ebenso wichtig ist bei L. Thomas der Hinweis, daß Luthers Reformation nichts mit der Renaissance innerlich gemeinsam hat. Die Philosophie, die nach Luther an der evangelischen Universitäten gelehrt wurde, ist kein humanistisch bestimmter Aristotelismus gewesen, „mas também o aristotelismo de um Pedro de Fonseca e de um Francisco Suarez, ou seja, o aristotelismo de origem conimbricense“ (p. 181) Auf der anderen

Seite hat der Protestantismus damals keinen Einfluß in Portugal ausgeübt, sondern die Philosophen dieses Landes bleiben trotz aller Kritik der traditionellen Religion treu.

Als ein berühmter Naturphilosoph dieser Zeit gilt Francisco Sanchez, der freilich einen großen Teil seines Lebens in Frankreich verbrachte. Sanchez wurde in Italien mit der Kritik an der bisherigen Scholastik bekannt und machte sie sich zu eigen. Er bezweifelte vornehmlich die Möglichkeit einer sicheren Erkenntnis der Dinge für die Menschen mit Hilfe der Vernunft. Diese Skepsis will aber nicht Gott und Metaphysik leugnen. Seine Gedanken zu einer sensualistischen Erkenntnistheorie und sein dem Montaigne verwandter Skeptizismus haben freilich in die Geschichte des europäischen Denkens hineingewirkt und mitgeholfen, eine bestimmte westeuropäische Geistigkeit und Lebensanschauung zu schaffen, deren Auswirkungen heute noch zu erkennen sind. Damals glaubten solche Denker, im Unterschied zu den späteren „Freidenkern“ und Positivisten, noch gute Christen sein zu können.

«E esta dupla vinculação à tradição cristã e à consciência do dever de continuidade histórica, mais do que característica comum destes homens, é, sobretudo, a segura couraça, que lhes permite, sem perda de sua originalidade, atravessar as correntes do seu tempo.» (401).

Es wäre jedoch falsch, zu meinen, daß alle Denker dieser Zeit in theoretischer Hinsicht Skeptiker gewesen wären. Es gab daneben immer auch bewußte und ausgesprochen christliche Denker. Gerade am Ende dieses Zeitraumes erlebte die Scholastik, besonders durch die Beiträge der Jesuiten, ihre Erneuerung. Von ihr beabsichtigt Thomas im zweiten Band zu berichten.

Dr. E. Fülling.

2. Cruz Costa: «A filosofia no Brasil, Ensaios.» Livraria do Globo, P. Alegre, 1945.

Uma série de ensaios filosófico-críticos, da autoria de Cruz Costa, forma o conteúdo de um interessante livro que, sob o título de «A filosofia no Brasil», foi, em 1945, editado pela Livraria do Globo, em Porto Alegre. O autor, atualmente catedrático de filosofia da universidade de São Paulo, procura analisar a situação filosófica brasileira, experimentando, ao mesmo tempo, lançar as diretrizes duma filosofia, que não se esgote em erudição e intelectualismo, mas que seja ciência baseada num novo estilo de vida. Sigamos as idéias principais, como nos são apresentadas pelo autor:

Tem havido filósofos no Brasil? — O mais informado dos historiadores de filosofia, Ueberweg, em sua obra clássica dedica seis minúsculas linhas à filosofia centro- e sulamericana. O Brasil aí não aparece... O padre Leonel Franca, porém, «em patriótico esforço», conseguiu encher 113 páginas do seu livro «Noções da história da filosofia» com «sistemas» brasileiros, respetivamente com biografias dos seus autores...

Há muita ingenuidade nesta fanática procura de filósofos nacionais. É, que também gostaríamos ter a nossa lista de filósofos,

como a têm os outros povos. Mas êste caminho nos é vedado. E não precisamos desesperar, verificando que nossos «filósofos» não são originais. Nossa terra é tão vasta. Ainda não foi convenientemente trabalhada. E do trabalho — alguns poucos sempre trabalharam — surgirá nossa história, e com ela há de nascer também uma visão da vida e do mundo: uma filosofia. Mas a nossa história não é apenas coisa do futuro. Temos uma história brasileira: Ela é feita de trabalho. — Si volvermos nossas vistas ao passado, não é para desenterrar sistemas apagados, mas para encontrar os fatores vivos que formaram os valores de nosso espírito, as tendências de nossa mentalidade. «Devemos tomar uma consciência bem clara e distinta de nossos problemas, para encontrar uma solução nossa, prática, positiva e humana.» Infelizmente, pouca cousa há na literatura filosófica brasileira, tanto na contemporânea como na do passado, que possa ajudar-nos a tomar esta consciência de nossos problemas. Nunca tivemos filósofos que sequer experimentaram ser intérpretes da nossa realidade espiritual. — A filosofia, no Brasil, viveu sempre em estreita ligação com a chegada dos paquetes da Europa. Recife ou Rio de Janeiro eram os portos, por onde se importavam os sistemas europeus, que aqui foram avidamente deglutidos, mas pouco digeridos. Durante o tempo colonial foi a escolástica em suas várias formas que monopolizou a vida espiritual de nossa terra. Aninhada nos vários seminários de teologia, teve o clima próprio para desenvolver o cipoal duma terminologia morta e abstrata das realidades da vida. A influência do tomismo perdura até hoje. Os modernos defensores do «espiritualismo» findam quasi todos nos braços da igreja católica. Vale a equação: Espiritualismo = tomismo = catolicismo. Mas êste espiritualismo em nosso meio nunca criou raízes tão profundas como na Europa d'além — Pirineus. Veio ao nosso alcance por intermédio dos portugueses, dos quais nós, brasileiros, herdamos a mentalidade característica. O idealismo da península ibérica, como o nosso, nunca se afastou por demais da terra. «Fóra da poesia condoreira e do gongorismo dos epítetos ninguém se preocupa com o infinito», diz João Ribeiro. O pensamento português é prático por exelência. (cf. a divergente opinião do estudo precedente!). Fica bem caracterizada pela palavra do rei-filósofo D. Duarte. Ele classifica de «fantasia sem proveito» todas as irrequietas vicissitudes do espírito que não tenham base e fundamento nos problemas práticos da vida. A metafísica andou sempre de pernas fracas no mundo lusitano.

O início do século XVI viu o espírito português em esperançoso desenvolvimento. Houve, quem só reconhecesse a experiência como base legítima da ciência. (D. Duarte).

Outro pensador propagou a dúvida melódica antes mesmo de Cartesius. Entre os aventureiros e descobridores portugueses havia cientistas de melhor quilate. Porquê foi que esta aurora promissora não chegou ao apogeu do meio dia? Não o sabemos. Cabe-nos apenas constatar que o Brasil foi colonizado, quando estas promissoras ten-

dências já se achavam em franco declínio. «Nêste momento nasciamos nós,» diz Cruz Costa.

A filosofia que depois da escolástica maior influência teve no Brasil, foi o positivismo. Melhor o chamaríamos, aliás, de Comtismo, porque somente conseguiu criar raízes entre nós em sua forma prático-religiosa. No Brasil só parecem poder vingar as filosofias que formam grupos organizados, unindo-se, assim, estreitamente com interesses políticos, religiosos, pedagógicos etc. O ideal em si e por si não tem força para subsistir entre nós. Por isso o nosso espírito prático sempre nos separou das soluções metafísicas. A metafísica nos causa vertigens. O positivismo, entre nós, foi vulgarizado e deformado e, ao lado de alguns espíritos mais profundos, tivemos um sem-número de «filósofos baratos.» Apesar de tudo, porém, não podemos negar nosso respeito a vultos como Mont'Alverne e Gonçalves de Magalhães, os quais introduziram o positivismo no Brasil. Eles nos trouxeram um novo aspeço da vida e do mundo, fortaleceram as tendências de nosso espírito prático: de ficar sempre «terra a terra.» «O latinório fradesco deu lugar à pesquisa científica.»

Ao lado desta escola «galo fluminense», como irônicamente a chamaram os nortistas, havia ainda a escola «teuto-sergipana», como a batizaram os cariocas e paulistas. Em consequência da derrota francesa de 1871, a filosofia alemã encontrou entusiásticos adeptos entre os filhos do nosso árido nordeste. Tobias Barreto, o profeta dêste grupo, chegou mesmo a publicar um jornal, inteiramente em alemão, o afamado «Deutscher Kämpfer», que, por sinal, só teve cinco números. Como, era de esperar, a filosofia alemã, propagada pelos sergipanos, não era a de Kant, Hegel e Schelling, mas antes um germanismo de segunda ordem: O materialismo «científico» de Büchner, Moleschott, Vogt, Häckel e o monismo de Noiré. «Falava-se de Noiré como se fala de Homero e Shakespeare.» Mas, apesar de assim deformado, o pensamento alemão para nós significou mais um horizonte espiritual que nos libertou, por grande parte da tirania unilateral de outro sistema importado.

Nos últimos anos tem-se falado muito em Farias Brito, espírito que se conservou mais ou menos independente tanto do grupo «comtista» como também, apesar de menos expressamente, do movimento germanista. Há pessoas interessadas em transformar Farias Brito num mito nacional, no «intérprete de nossa consciência nacional.» Mas êste filósofo está longe de merecer tal louvor. «A sua filosofia não tem janelas para a paisagem natural, nem para a paisagem humana.» Ela nada tem com a vida e o meio em que nasceu. «Está a pedir um museu de paleontologia.» Farias Brito é espiritualista, reacionário, é expressão do filosofismo do século XIX. É mero filsofante, ensaísta, como tantos outros. As vezes não deixa de ser ingênuo. Por exemplo resolve o intrincado problema social, apelando para a filantropia. «As vezes lembra a banalidade de outro «filósofo» nosso, o Visconde de Araguaia. A filosofia é uma expressão de vida e da vida. Farias Brito viveu fora da vida.»

De tudo isso tiramos a conclusão que no Brasil não tivemos filósofos. Tivemos filosofantes que sempre fugiram das realidades de nossa história. »Eles esqueceram os valores novos da América, julgando-os vulgares demais para os seus engenhos finos e caprichosos.» «Confundiram tradução com tradição.» Devemos compreender claramente que, as idéias importadas só podem ser compreendidas em relação com a larga experiência das nações mais representativas do pensamento filosófico.

Que mais devemos fazer? Trazer à consciência as tendências ocultas de nossa mentalidade, de nossa história. Devemos fugir às abstrações e aos sistemas metafísicos, dar à filosofia o seu verdadeiro aspeto humano, concreto. Não imitemos os «intelectuais puros», que, alojados nas «torres de marfim» de seu abstrato intelectualismo, manejam a seu belprazer com as armas de sua «razão pura.» Não há cultura pura e desinteressada. De que serve a inteligência que se faz pura, que não fecunda, que não cria? — Deixemos também de adorar a tradição. O culto exagerado da nacionalidade e de tantos outros substitutos antiquados terminados em «idade» deve ser coisa do passado. Saibamos diferenciar «alcaides» e «pechisbeque» da boa mercadoria. Substituamos todas as «idades» pela humanidade, com larga orientação, cosmopolita e realista. Construamos uma América nova, que não seja mosaico de Museu, nem uma coleção de relíquias. Fugamos ao «espiritualismo», que vem de encontro à eloquência palavrosa tanto a nosso gosto. *Volvamos a nossa atenção à Rússia* onde parece ter surgido a nova humanidade, a nova ciência que vai de mãos dadas com a vida real.

Esta é, mais ou menos, a interpretação das idéias de Cruz Costa. A solução do problema filosófico brasileiro, a ideologia marxista, que em nosso extrato possa aparecer abrupta e surpreendente, em verdade é sólidamente preparada já nos ensaios anteriores. Temos, por todo o livro, uma clara petição de princípio, que o autor, aliás, não procura esconder. É um materialismo inteligente, disfarçado à moderna. Poderíamos ficar penalizados que Cruz Costa, combatendo o espiritualismo, não tivesse outro adversário a não ser a igreja católica. Dada essa circunstância, compreende-se que na sua polêmica foge aos verdadeiros problemas da questão: Espírito versus Matéria. Mesmo assim, porém, não faremos bem em defender um irrestrito espiritualismo, nem um idealismo epistemológico. Com mais proveito defenderemos um realismo bíblico-christão que tem espaço e lugar tanto para o espírito como para a matéria. Não pode haver dualismo entre ambas as partes, porque «genesis» e «telos» tanto de uma como de outra estão nas mãos de Deus.

Embora admitamos que os ensaios do professor paulista contém muitas verdades, principalmente na parte crítica, não podemos deixar de perceber conclusões erradas que decorrem automaticamente de sua «*petitio principii*.» A vontade é o progenitor do pensamento...

Só um exemplo, afinal: O autor critica nosso filoneísmo filosófico, que sempre aceitou dócilmente os sistemas europeus. Ele mes-

mo, porém, mostra-se ultra-filoneista, proclamando a «nova humanidade», descoberta pelo comunismo, como última palavra da ciência. E esta humanidade, que ao dizer de Cruz Costa é destinada a substituir todas as outras «idades», — não termina ela também em «idade»?...

O filoneísmo, considerado por Cruz Costa sintoma especial do brasileiro, é particularidade de todo e qualquer ser humano. Ao dizer de Luther, a razão humana é «meretrix» por exelência, entrega-se a qualquer sistema e filosofia novas, enquanto não for «presa por Christo.» Santo Agostinho tem razão, dizendo que nosso coração (não só o espírito, mas nossa existência total) está irrequieto; enquanto não achar descanso em Deus. Também o filoneísmo filosófico somente pela fé pode ser vencido.

L. Weingärtner.



**Instituto Pré-Teológico
em São Leopoldo**